

A Ceia das Bodas e o Noivo (Ap. 19)

Dr. Kenneth L. Gentry, Jr.

Em Apocalipse 19, João aborda quatro fatores importantes necessários para desenvolver sua conclusão gloriosa, cheia de esperança para a qual ele caminha a passos bem largos agora.

1) Considerando que o capítulo anterior era praticamente um canto triste para Jerusalém pelos comerciantes da terra,¹ João agora ouve a interpretação divina de sua queda (19.1-5):

Aleluia!

A salvação, a glória e o poder pertencem ao nosso Deus,

pois verdadeiros e justos são os seus juízos.

Ele condenou a grande prostituta

que corrompia a terra com a sua prostituição.

Ele cobrou dela o sangue dos seus servos (19,1,2).

Jerusalém, a esposa infiel de Deus, sofre pena de morte como uma adúltera espiritual por negar seu Messias (note sua prostituição imoral, v. 2). Sua destruição vinga “o sangue dos seus servos” (19.1,2; v. 6.10,11; tb. Mt. 23.34-36; 1Ts. 2.14-16), o que faz os santos regozijarem como um testemunho da conquista do primeiro grande inimigo de Cristo e seu povo.

2) Após o julgamento da prostituta-Jerusalém como esposa infiel, o céu anuncia as bodas do Cordeiro (19.6-10). A associação da celebração de vitória do rei, com um alegre banquete nupcial, faz lembrar a canção do casamento real em Salmo 45, que provavelmente serve como o pano de fundo para Apocalipse 19. O castigo, público e firme, da esposa infiel de Deus (19.1-5) estabelece o reino de Cristo (19.6), conduzindo ao anúncio da apresentação festiva da nova noiva do Senhor (19.7,8; v. cap. 21).

¹ Josefo menciona as “grandes riquezas” de Jerusalém (*Wars* 6.10.1) e a “grande quantidade de dinheiro do templo” (*Wars* 6.5.2). V. tb. Tácito, *Histories* 5:5. Joachim Jeremias observa que o “comércio exterior teve importância considerável para a cidade santa” (*Jerusalem in the times of Jesus: an investigation into economical and social conditions during the New Testament period* [Philadelphia: Fortress, 1969] p.38).

Jesus ensina o significado do julgamento de Jerusalém para o estabelecimento de seu reino: “Garanto-lhes que alguns dos que aqui estão de modo nenhum experimentarão a morte, antes de verem o Reino de Deus vindo com poder” (Mc. 9.1). De qualquer forma, de 30 d.C. a 70 d.C., duas eras redentoras acontecem, o julgamento dos judeus do século I e a destruição do sistema do templo que dramaticamente assegurou o reino (Ap. 19.6) e vindicou a mensagem da igreja universal (19.9,10) em festiva celebração: “Eu lhes digo que muitos virão do oriente e do ocidente, e se sentarão à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no Reino dos céus. Mas os súditos do Reino serão lançados para fora, nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes” (Mt. 8.11,12).

Os eventos de 70 d.C. vindicaram o cristianismo contra o judaísmo – como muitos antigos pais da igreja proclamaram.² Ao indicar 70 d.C., o Senhor advertiu o Sinédrio prestes a julgá-lo: “Mas eu digo a todos vós: Chegará o dia em que vereis o Filho do homem assentado à direita do Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu” (Mt. 26.64).

O NT registra o estabelecimento gradual do reino (v. Mt. 13.31-33; Mc. 4.26-29): de seu anúncio ministerial (Mt. 12.28; Mc. 1.15) a sua afirmação legítima à cruz (Mt. 28.18; Rm. 1.3,4; Fp. 2.1-11; Cl. 1.13; 2.14,15), para sua vindicação pública na subversão de Israel (Mt. 23.32 – 24.21; Gl. 4.21-31; 1Ts. 2.16; Ap. 6-19). A remoção de Deus do sistema do templo – fisicamente derribando “a barreira, o muro de inimizade”, legalmente destruído em Cristo (Ef. 2.14) – decididamente, as antigas tendências sionísticas de muitos cristãos do século I terminaram (e.g., At. 11.1-3; 15.1; Rm. 14.1-8; Gl. 1-5; Cl. 2.16; Tt. 3.9) e o cristianismo como religião separada em seu próprio direito foi estabelecido (i.e., por que Jesus compara a grande tribulação ao “início das dores”, Mt. 24.8).

3) Junto às preparações do banquete das bodas, o noivo aparece. Na realidade, seu divórcio e a pena de morte de sua esposa-prostituta adúltera fornecem a mesma justificação para essa celebração e novo matrimônio (19.11-18). A lição de Apocalipse fica clara agora: Cristo que aparece gloriosamente como um guerreiro-novo, castiga a Jerusalém incrédula e apresenta uma nova noiva.

Cristo é o último juiz de Israel (Mt. 24.29,30; 26.64); ele é o que faz guerra contra ela (Ap. 19.11; v. Mt. 21.40-45; 22.1-7). Ele a julga tão

² V. Melito de Sardis: *Tertullian's Apology* 21 e 26; *On idolatry* 7; *An answer to the jews* 9 e 13; *Against marcion*, 3.6,23; 5.15; Hippolytu's *Treatise on Christ and antichrist* 30 e 57; *Expository treatise against the jews* 1,2 e 7; e *Against Noetus* 18; Cyprian's *Treatises*, 9.7; 10.5; 12.2.20; Lactantius's *divine institutes* 4.18. *Epitome of the divine institutes* 46; *On the manner in which the persecutors died* 2.

severamente que seus cidadãos não recebem enterro algum, pois são consumidos por pássaros (Ap. 19.17,18). Robert Thomas observa, muito bem: “A pior indignidade perpetrada a uma pessoa naquela cultura seria deixá-la insepulta após a morte (v. Sl. 79.2,3)”.³ Josefo nota que os corpos dos mortos em Jerusalém eram “jogados dos muros nos vales abaixo” (*Wars* 5.12.3). Realmente, “esses vales [estavam] cheios de corpos mortos, e pairava contínua putrefação sobre eles” (*Wars* 5.12.4).

A visão de Cristo com “muitas coroas” (Ap. 19.12) é o modo apocalíptico de afirmar que, ele tem “toda a autoridade nos céus e na terra” (Mt. 28.18), que ele é muito “acima de todo governo e autoridade, poder e domínio” (Ef. 1.21), que tem “o nome que está acima de todo nome” (Fp. 2.9), e que “a ele [estão] sujeitos anjos, autoridades e poderes” (1Pe. 3.22). Em resumo, como João francamente declara no começo do Apocalipse, já no século I Cristo é “o soberano dos reis da terra” (Ap. 1.5).

Embora a imagem dessa passagem sugira a muitos a Segunda Vinda (e certamente há muitas correspondências), ela se refere, mais provavelmente, a 70 d.C. que é um prenúncio distante da Segunda Vinda. De fato, Apocalipse 19 explica, mais detalhadamente, o tema que João anuncia em 1.7, o qual se origina nos ensinamentos de Cristo em Mateus 24.29,30. E lembre-se: Este julgamento da vinda de Cristo, mencionado em Apocalipse e Mateus 24, está próximo no tempo à audiência contemporânea à escrita desses textos (Mt. 24.34; Ap. 1.1,3 22.6,10).

4) Por causa do interesse primário no julgamento de Israel no Apocalipse, João menciona rapidamente a destruição da besta que guerreará contra Deus (Ap. 19.19-21). Nero (a personificação da besta) morreu em 68 d.C., durante os três anos e meio do julgamento de Deus sobre Israel (67-70 d.C.). Na realidade, ele morreu nas devastadoras guerras civis romanas (68-69 d.C.), que quase derrubaram a poderosa Roma. Após Nero e durante o breve reinado dos três imperados durante as guerras civis romanas, os dois imperadores seguintes (Vespasiano e Tito) não molestaram os cristãos.

Fonte: *Apocalipse*, C. Marvin Pate (organizador), Editora Vida, p. 82-85.⁴

³ *Revelation* 8 – 22, p. 93.

⁴ Compre esse excelente livro aqui:

<http://www.edificai.com.br/detalhe.asp?Codigo=483&from=Monergismo>.